

AVALIAÇÃO DE IMPLANTES ORBITÁRIOS E SUAS POSSÍVEIS COMPLICAÇÕES

Bruno Hirt

Rayssa Armond

Jessica Monteiro Machado

Rafael Gadens

Ana Paula Bortolotto

Rodrigo Beraldi Kormann

Avaliação de Implantes Orbitários e suas Possíveis Complicações

Bruno Hirt, Rayssa Armond, Jessica Monteiro Machado, Rafael Gadens, Ana Paula Bortolotto, Rodrigo Beraldi Kormann

Hospital de Olhos do Paraná

OBJETIVO

Avaliar os diferentes tipos de implantes orbitários nas cavidades anoftálmicas de pacientes, analisando as respostas clínicas apresentadas, assim como verificar se variáveis epidemiológicas influenciam desfechos específicos.

RESULTADO

134 pacientes foram submetidos a implante orbitário, sendo 3 bilaterais e 11 reintervenções, totalizando 137 olhos e 147 procedimentos, 64 eram mulheres e 69 homens, com idade média de 50,9 ± 22,2 anos. Os 147 procedimentos de implante orbitário resultaram de 82 eviscerações, 28 enucleações e 37 reconstruções de cavidade devido a explante de implante prévio. Excluindo-se as reconstruções por exposições advindas de outros serviços, totalizam-se 121 procedimentos em pacientes cujo primeiro implante foi no HOP, sendo 78 implantes de resina, 19 de silicone e 17 porosos. Destes 121 procedimentos, observou-se 7 pacientes com 1 reintervenção e 2 com 2 reintervenções, totalizando 11 procedimentos, todos devido a exposição do implante, sendo 4 de resina e 7 porosos. Os 5 principais motivos para implante orbitário foram: Olho Cego Doloroso (65 - 44.2%), Exposição de implante (31 - 21.09%), Phthisis Bulbi (19 - 12.93%), Melanoma de Coróide (18 - 12.24%) e Estética insatisfatória (5 - 3.40%).

MATERIAL E MÉTODO

Prontuários de pacientes do setor de oculoplástica do Hospital de Olhos do Paraná (HOP), de janeiro de 2015 a dezembro de 2023, submetidos a implante orbitário por enucleação, evisceração ou reconstrução de cavidade anoftálmica. Foram coletadas variáveis como idade na cirurgia, sexo, sintomas associados, procedimento, tempo pós-cirúrgico e complicações peri e/ou pós-operatórias.

CONCLUSÃO

Observou-se uma maior prevalência de exposição em implantes porosos (7 de 13) quando comparado a resina (4 de 78) e silicone (0 de 19); $p=0,0007$. Não houve diferença estatística entre resina e silicone; $p=1,0$. Demais complicações pós-operatórias não mostraram prevalência estatística em relação aos materiais.

Referências

1. Arellano-Ganem MG, et al. Evisceration surgery in a highly specialized center in Mexico: A retrospective study of 7 years of experience. Arch Soc Esp Ophthalmol. Feb 2017;92(2):58-62.
2. Lovato V, et al. Evisceração: análise de 126 procedimentos realizados no setor de plástica ocular do Hospital Banco de Olhos de Porto Alegre entre 1988 e 2002. Rev Bras Ophthalmol. Jan 2005;64(4):257-261.
3. Kormann RB, Moreira H, Crescente G, Foggiao JA. Estudo experimental da biocompatibilidade de novo material para implante orbitário. Arq Bras Ophthalmol. 2013;76(3):141-6.
4. Kormann RB, Mörschbacher R, Moreira H, Akaishi P. Implante de resina fotocurável para evisceração produzido por impressora tridimensional. Arq Bras Ophthalmol. 2019;82(6):471-5.